

USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR INDIVÍDUOS DA COMUNIDADE DO VALENTINA-PB

Lauanne Sátiro Marcelino Wanderley¹
Larissa Virginia Lins Alencar Silva¹
Larissa Medeiros Cezar¹
Fernanda Oliveira Carvalho Dias¹
Priscyla Kelly Santos Galdino¹
Iara Medeiros de Araújo²

RESUMO

Os fitoterápicos e plantas medicinais constituem uma modalidade de terapia complementar ou alternativa diante das necessidades de saúde e seu uso tem sido crescente na população de diversos países. Entretanto, apresentam interações medicamentosas e reações adversas importantes e sua utilização não deve ser indiscriminada. O presente artigo teve por objetivo analisar e descrever o uso de plantas medicinais em uma população da comunidade do Valentina, no município de João Pessoa, Paraíba, durante visitas domiciliares. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório com abordagem quantitativa e qualitativa, elaborado a partir de entrevistas realizadas durante as visitas domiciliares executadas por estudantes de medicina, de modo a proporcionar uma maior integração entre os serviços de saúde, ensino e comunidade. Possibilitou conhecer como se dá a utilização das plantas medicinais pelos usuários. Os relatos evidenciaram que todos já haviam feito uso de plantas medicinais e que ainda há erros quanto ao modo de preparo e a parte da planta a ser utilizada. Todavia, o uso e o armazenamento eram realizados corretamente, embora desconheçam as contraindicações e efeitos adversos possíveis. Assim, pode-se observar que o uso de plantas medicinais/fitoterápicos se faz presente na vida dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) dessa unidade, como forma de medicina alternativa e complementar, entretanto, torna-se necessária uma melhor e maior difusão de conhecimentos acerca do uso adequado e efeitos provocados pelas plantas medicinais, para que efetivamente tragam benefícios à população.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Fitoterapia. Visita domiciliar. Comunidade.

INTRODUÇÃO

Observa-se que o uso terapêutico de plantas medicinais é registrado desde a antiguidade pelas civilizações da China, Índia, Egito e Grécia. E que, desde então, as pessoas utilizam plantas com a finalidade de tratar e curar enfermidade, sendo esta utilização além de antiga, relacionada com a própria evolução do homem, no qual mitos, lendas e tradições refletem o vasto emprego de plantas medicinais em todos os tempos e em todas as camadas sociais¹.

¹ Acadêmicos de Medicina da Faculdade de Medicina Nova Esperança – FAMENE. End.: Rua Silvino Lopes, Tambaú CEP: 58039-190 Tel.: (83) 8740-1696 E-mail: larissacezar93@gmail.com.

² Mestre em Odontologia Preventiva e Social e Doutoranda em Ciências da Saúde pela UFRN. Docente da FAMENE.

A partir da segunda metade do século XX, com a grande evolução e avanço da medicina tradicional, ainda existem obstáculos quanto ao seu uso, em especial pelas populações carentes, que vão desde o acesso aos centros de atendimento hospitalares à obtenção de exames e medicamentos. Esses motivos, aliados ao fácil acesso e à tradição do uso de plantas medicinais, têm contribuído para que essa terapêutica seja utilizada pelas populações dos países em desenvolvimento².

Nas últimas duas décadas, alguns municípios brasileiros vêm incorporando Programas de Fitoterapia na atenção primária, com o objetivo de ampliar as opções terapêuticas e suprir carências medicamentosas de suas comunidades e, assim, melhorar a atenção à saúde ofertada aos usuários da rede pública³.

Então, o Ministério da Saúde, em 2006, aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no SUS, para garantir a integralidade na atenção à saúde⁴. Atualmente, a fitoterapia é considerada um assunto de saúde pública, desta forma, cabe aos profissionais atuantes na Estratégia de Saúde da Família esclarecer dúvidas da população e realizar orientações corretas quanto ao uso das plantas medicinais nas Unidades de Saúde e nas visitas domiciliares⁵.

Atualmente, muitos fatores têm contribuído para o aumento da utilização das plantas como recurso medicinal, entre eles, o alto custo dos medicamentos industrializados, o difícil acesso da população à assistência médica, bem como a tendência ao uso de produtos de origem natural. Acredita-se que o cuidado realizado por meio das plantas medicinais seja favorável à saúde humana, desde que o usuário tenha conhecimento prévio de sua finalidade, riscos e benefícios⁶.

Sendo assim, torna-se relevante que os profissionais da saúde conheçam e discutam as práticas de saúde tradicionais e historicamente firmadas em relação ao uso de plantas medicinais, a fim de que possam atuar de forma efetiva e eficaz na resolução dos reais problemas de saúde da comunidade, aliando o conhecimento popular ao científico.

Dentro desse contexto, o presente estudo tem por objetivo analisar e descrever o uso de plantas medicinais em uma população da comunidade do Valentina, no município de João Pessoa, Paraíba, durante visitas domiciliares.

MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, transversal, de campo, com abordagem quantitativa. A pesquisa exploratória tem como objetivo explorar aspectos de uma situação e a descritiva objetiva descrever as características de determinada população ou fenômeno.

Foram utilizadas as visitas domiciliares realizadas por estudantes de graduação de medicina da Faculdade de Medicina Nova Esperança no período de abril e maio de 2013 como meio para coleta de dados, permitindo que os participantes estivessem em seu ambiente natural. Essas visitas são fundamentais para proporcionar uma maior integração entre os serviços de saúde, o ensino e a comunidade.

O campo de estudo foi a Unidade de Saúde da Família (USF) Ipiranga, situada no bairro do Valentina, na cidade de João Pessoa, na Paraíba. A USF é integrada e composta por três equipes: Boa Esperança, Girassol e Monte das Oliveiras, além do Programa de Agentes Comunitários (PACS). Todas as equipes, à exceção do PACS, são compostas por médico, odontólogo, enfermeiro, técnico de

consultório dentário, técnico de enfermagem e agentes comunitários de saúde, tendo cerca de 16.000 usuários inseridos na área de abrangência.

Nesta USF estão inseridos vários projetos em parceria com a Faculdade de Medicina Nova Esperança, entre eles, o projeto “Educação Popular em Saúde”, “Envelhecimento Saudável” e “Qualidade de Vida e Práticas Complementares à Saúde da Mulher na Comunidade”.

A pesquisa foi desenvolvida com 70 usuários da USF Ipiranga, que consentiram participar da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta de dados foi realizada durante as visitas domiciliares na área, no bairro do Valentina, mediante a aplicação de um formulário envolvendo questões socioeconômicas e culturais, e com perguntas voltadas ao uso das plantas medicinais, buscando conhecer a quantidade de adeptos aos fitoterápicos, as principais plantas medicinais usadas, o modo de preparo e o nível de informação que possuíam a esse respeito.

A análise de dados se deu a partir da interpretação das informações obtidas no formulário e dos diálogos estabelecidos com os participantes, a fim de compreender como eles utilizam as plantas medicinais e a fitoterapia em seu dia-a-dia. Os dados foram comparados à literatura atual sobre a temática, trazendo uma discussão pertinente a respeito da aplicação cotidiana dos principais chás e o nível de conhecimento dos usuários.

No que tange aos aspectos éticos, a pesquisa foi desenvolvida conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que rege a pesquisa envolvendo seres humanos. Foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa, sendo aprovada sob o Protocolo nº 44/12 e CAAE 02821612.2.0000.5179. O anonimato do participante foi preservado, não sendo revelada a sua identidade em nenhum momento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 70 usuários, havendo um predomínio do gênero feminino. A faixa etária variou entre 32 e 83 anos, a maioria apresentando apenas o primeiro grau incompleto, sendo alguns deles hipertensos.

Quanto ao uso de plantas medicinais, todos relataram fazer ou já ter feito uso alguma vez. A partir dos nomes populares citados como alecrim, babosa, arruda, boldo, mastruz, erva-doce, cana da Índia, carqueja, quebra-pedra, dentre outros, foram identificados os nomes científicos das quatro plantas mais utilizadas pelos participantes da pesquisa, com o intuito de conhecer melhor seus efeitos, comparando com os usos terapêuticos referidos pelos usuários.

Dentre as situações citadas, que levaram os entrevistados a fazer uso de plantas, a mais frequente foi cólica abdominal, sendo o boldo a planta mais referida. Outras plantas mencionadas foram a erva-doce (*Pimpinella anisum* L.), o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*) e cana da Índia (*Phyllostachys aurea*).

Peumus boldus molina, conhecido popularmente como boldo-do-chile, possui propriedades hepatoprotetora, colerética e colagoga, associadas ao alcaloide boldina. Sendo assim, constatou-se que a finalidade terapêutica dessa planta está sendo aplicada corretamente pelos usuários⁷.

Já em relação ao preparo, todos afirmaram fazer uso da folha e ingerir na forma de chá por meio de decocção e infusão. A decocção é um método de preparação que consiste na fervura da água juntamente com a parte da planta,

sendo empregada para partes duras como raízes, caule, cascas e sementes. Já a infusão é feita adicionando-se água fervente sobre a parte da planta, tampando e deixando esfriar por 10 minutos, sendo utilizada para flores, folhas e cascas finas⁸.

Constatou-se, portanto, que os usuários estão realizando o preparo fitoterápico de maneira incorreta, conforme a parte da planta escolhida. No caso das folhas, ao ferver, conforme referido pelos participantes o emprego da decocção, os princípios ativos perdem (reduzem) sua eficácia, devido à folha ser uma das partes mais delicadas da planta.

Quanto à conservação, a maioria citou que prefere chá morno e que conserva o mesmo em uma garrafa térmica durante um dia. Depois de preparado não se deve deixar o chá guardado para o outro dia, pois, geralmente, o preparado entra em fermentação e perde seus princípios ativos. Chás utilizados para males do aparelho digestivo devem ser ingeridos frio ou gelado e se for para resfriado utiliza-se ainda quente⁹.

Com relação ao reconhecimento das plantas, os participantes relataram não ter dificuldade, diferenciando-as, principalmente, pelo cheiro característico, forma da planta e, especificamente, pelo tamanho das folhas. Ao se utilizar alguma erva ou planta medicinal, o indivíduo deve certificar-se com uma pessoa competente se a planta adquirida é a que ela precisa realmente e qual sua indicação científica¹⁰.

Questionou-se, ainda, o conhecimento dos participantes sobre as contraindicações, e os mesmos relataram desconhecer, por acharem que o uso de chá por ser natural não traz nenhum risco a sua saúde. Ao contrário do que se imagina, os fitoterápicos podem provocar efeitos adversos, toxicidade e até mesmo apresentar contraindicações. Como qualquer medicamento, o mau uso de fitoterápicos pode ocasionar problemas à saúde, como, por exemplo, alterações na pressão arterial, problemas no sistema nervoso central, fígado e rins¹¹.

Desta forma, tem-se que as plantas medicinais usadas habitualmente pela população elevam o conhecimento popular, fazendo com que a ciência busque estudá-las cada vez mais, a fim de se efetivar a comprovação científica das ações terapêuticas das mesmas¹².

A realização de visitas domiciliares foi evidenciada como essencial para execução de ações que visam à promoção da saúde, sendo um momento de fornecer orientações de maneira informal, mediante diálogos e demonstrações, os quais são caracterizados como instrumentos essenciais para o alcance do sucesso nessa prática.

O diálogo, durante as visitas domiciliares realizadas, possibilitou observar o conhecimento dos usuários sobre as plantas medicinais, por meio das perguntas contidas no formulário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como referência os dados obtidos na pesquisa realizada com a população da Unidade de Saúde Ipiranga, foi possível constatar o uso de diferentes espécies de plantas, no cuidado em saúde, pela população. Essa forma de medicina alternativa e complementar é bastante utilizada por usuários do Sistema Único de Saúde (SUS).

Entretanto, a população que utiliza tais métodos com finalidades medicinais nem sempre possui o conhecimento suficiente sobre suas propriedades farmacológicas e toxicológicas, acreditando que, por serem “naturais”, essas não

representariam nenhum risco à saúde. Sendo evidenciada, portanto, a necessidade real de orientação e informação à comunidade sobre a aplicação correta dos fitoterápicos.

Desta forma, acredita-se que o presente estudo seja relevante no sentido de que os acadêmicos e os profissionais, especialmente da ESF, conheçam a importância da valorização e da inclusão do saber popular em sua prática diária e que sejam parceiros da população, no sentido de informá-los sobre o uso adequado das plantas, orientando-os quanto à identificação e utilização.

Por mais que a formação médica enfoque, predominantemente, o uso de medicamentos alopáticos, é importante apresentar um olhar holístico e conhecimentos acerca do emprego de práticas naturais no cuidado em saúde, visto que grande parte da população não tem acesso fácil aos alopáticos e busca nos fitoterápicos uma forma de melhorar a sua qualidade de vida.

MEDICAL PLANT USE BY INDIVIDUALS OF VALENTINA-PB COMMUNITY

ABSTRACT

Phytoterapeutic medications/medicinal plants compose a genre of complementary, or alternative, therapy when faced with health necessities, with an ever growing usage in several countries. However, they present medicative interactions and important adverse reactions and their use must not be indiscriminate. This article aims to analyze and describe the use of medicinal plants in a Valentina community population in the municipality of João Pessoa, Paraíba, during home visits. It is a descriptive and exploratory study with quantitative and qualitative approach, drawn from interviews during home visits performed by medical students in order to provide greater integration between health services, education and community. Possible to know how is the use of medicinal plants by users. The reports showed that everyone had made use of medicinal plants and there are still errors on the preparation, and the part of the plant to use. However, the use and storage were carried out correctly, although unaware of the contraindications and possible adverse effects. Thus, it is possible to observe that the use of medicinal plants/phytotherapeutic medications is much present in the lives of users of the Unified Health System – *Sistema Único de Saúde, SUS* – as a form of alternative and complementary medicine, nevertheless it is necessary to ensure a better and wider dissemination of knowledge regarding the proper use and effects of the medicinal plants, in order to effectively bring benefits to the population.

Keywords: Medicinal plants. Phytotherapy. Home visit. Community.

REFERÊNCIAS

1. Alves LF. Produção de Fitoterápicos no Brasil: História, Problemas e Perspectivas. Rev. Virtual Quim. [periódico na internet]. 2013 Jul. [acesso em: 2014 Nov 12]; 5(3): 450-513. Disponível em: <http://www.uff.br/RVQ/index.php/rvq/article/viewFile/414/335>.
2. Pinto DL, Araújo IM, Oliveira FBS, Brito FR, Menezes MAM, Barbosa WAS. Vivência de Acadêmicos de Saúde na Prática da Fitoterapia em Três Comunidades da Cidade de João Pessoa – Paraíba. Revista de Ciências da Saúde Nova

- Esperança [periódico na internet]. Dez. 2012 [acesso em 2014 Nov 12]; Disponível em:
file:///C:/Users/Particular/Downloads/Viv%C3%Aancia_de_acad%C3%Aamicos_em_sa%C3%BAde_com_corre%C3%A7%C3%B5es_dos_autores_28.12.12_-_PRONTO.pdf.
3. Ibiapina WV, Leitão BP, Batista MM, Pinto DS. Inserção da Fitoterapia na Atenção Primária aos Usuários do Sus. Revista de Ciências da Saúde Nova Esperança [periódico na internet]. 2014 Jun. [acesso em: 2014 Nov 12]; 12(1):58-68. Disponível em:
file:///C:/Users/Particular/Downloads/Inser%C3%A7%C3%A3o_da_fitoterapia_na_aten%C3%A7%C3%A3o_prim%C3%A1ria aos usu%C3%A1rios dos SUS%20(1).pdf
4. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS /Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. 92p.
5. Arnous AH, Santos AS, Beininger RPC. Plantas medicinais de uso caseiro – conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. Revista Espaço para Saúde, Londrina. 2005; [acesso em: 30 out. 2014] 6(2):1-6. Disponível em: <http://www.malavolta.com.br/pdf/1102.pdf>.
6. Badke MR, Budó MLD, Alvim NAT, Zanetti GD, Heisler EV. Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. Texto Contexto Enferm. 2012; [acesso em: 28 out. 2014] 21(2):363-70. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v21n2/a14v21n2.pdf>.
7. Schulz V, Hansel R, Tyler VE. Fitoterapia Racional: um guia de fitoterapia para as ciências da Saúde . 4 Ed. São Paulo: Editora Manole; 2002.
8. Alonso JR. Fitomedicina: Um curso para profissionais da área da saúde. Pharmabooks; 2008.
9. Tomazzoni MI, Negrelle RRB, Centa ML. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapêutica. Texto Contexto Enferm, Florianópolis, 2006; [acesso em 19 Out 2014] 15(1):115-21. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n1/a14v15n1.pdf>.
10. Alvim NAT, Ferreira MA, Cabral IE, Almeida Filho AJ. O uso de plantas medicinais como recurso terapêutico: das influências da formação profissional às implicações éticas e legais de sua aplicabilidade como extensão da prática de cuidar realizada pela enfermeira. Rev Latino-am Enferm. 2006 [acesso em 17 Nov 2014] 14(3):316-23. Disponível em: http://inseer.ibict.br/rbsp/index.php/rbsp/article/viewFile/308/pdf_117.

11. Veiga Júnior VF, Pinto AC, Maciel MA. Plantas medicinais: cura segura? Química nova. 2005; [acesso em: 28 out. 2014] 28(3):519-28. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/qn/v28n3/24145.pdf>.

12. França ISX, Souza JA, Baptista RS, Britto VRS. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. Revista Brasileira Enfermagem. 2008; [acesso em: 30 out. 2014] 61(2):61-2. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/2670/267019607010.pdf>.

Recebido em: 11.12.14 Aceito em: 26.11.15
--